

VICENTE FERREIRA DA SILVA E O PENSAMENTO SUL-AMERICANO*

“Um americano tem que percorrer um longo caminho para chegar até a filosofia; quer dizer, até a necessidade irreduzível da filosofia; a seguir, tem que empreender um segundo trajeto, rumo à sua perspectiva pessoal e insubstituível”. (Julian Marías.)

Constança Marcondes Cesar

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Continuadora da tradição metafísica que floresceu no idealismo europeu, enraizada na tradição espiritual e cultural da Europa, a Ibero-América, no dizer de Sciacca¹, assume a empresa de avivar a filosofia primeira. Diversamente da tradição pragmática da América do Norte, herdamos a “alma” da Europa metafísica. A América Latina desperta como consciência e poderá eventualmente conduzir-se se ocorrer a decadência que se anuncia no pensamento europeu — o destino espiritual e metafísico do Ocidente. A América do Norte, continua Sciacca, não pode assumir-lo: não chega às alturas da metafísica; a Europa está ameaçada pelo “americanismo” e pelo marxismo: pode afastar-se da reflexão metafísica.

Na América do Norte, a riqueza e a técnica produziram uma falsa impressão de superioridade filosófica; na América Latina, o despertar filosófico emerge ao lado de um despertar técnico e econômico. A maturidade, equilibrando o pólo da reflexão voltada para o domínio da matéria e o pólo da reflexão voltada para o espírito, pode ocorrer. Está ocorrendo.

Esse despertar não é uma ruptura, uma alteridade absoluta em relação ao passado. “Vivemos o Ocidente: somos o Ocidente”.²

Podemos distinguir, nesse despertar da América, dois momentos: no primeiro, dominam o idealismo francês e o italiano, o vitalismo: Boutroux, Bergson, Meyerson, Gentile e Croce, são os filósofos da Latino-América de então. No segundo momento, que emerge a partir de 1930, a influência dominante é da filosofia alemã, através da “Revista de Ocidente” e das traduções de Ortega Y Gasset:

(*) Constitui parte de pesquisa em andamento a respeito da obra filosófica de Vicente Ferreira da Silva.

“Los pensadores europeos más influyentes, desde 1930 hasta hoy, en América del Sur, son en efecto, Dilthey, Husserl, Scheler, Hartmann, Heidegger, etc., y en otro sector, pero en menor grado, Maritain, Blondel y Marcel. La actividade filosófica se ha hecho cada vez más fuerte, el método más riguroso y la producción más intensa. La declinación del positivismo haconducido a una renovación de la filosofía católica, cuya corriente dominante es la neotomista; pero, junto a ella, comienza a surgir la otra, más viva y original, bajo la influencia de los pensadores franceses anteriormente citados, a los que se están uniendo los primeros ecos de la francesa “Filosofía del espíritu” y del espiritualismo cristiano italiano”³.

Da importância da “Revista de Occidente” na formação do pensamento vicentino, Vargas já nos ensinou.*

Além desta face, voltada para a Europa e sua tradição filosófica, a América desperta para si mesma, aplicando a seus problemas, de modo original, o pensamento que herdou e no qual se inspira. A América, como consciência, é a mística da terra, a ontologia e o mito do homem latino-americano — uma filosofia política, uma metafísica, uma filosofia da religião e da mitologia vêm à tona, a partir da situação nova, posta ao homem no continente americano.

Toledo Piza, citando Marías, afirmou que o pensamento de Vicente, enquanto se apóia na tradição, é europeu. Mas há também uma estreita conexão com a filosofia hispano-americana. Nesta, Marías distingue duas posições, de modo semelhante a Sciacca: uma, reflexão a respeito do continente e suas peculiaridades; outra, filosofia “científica”, cultivável igualmente em qualquer parte do mundo. Ferreira da Silva, segundo Marías, teve consciência de que a filosofia latino-americana é, inicialmente, “uma criação européia”. Por isso, Vicente se inspirou no pensamento europeu; entretanto, seu filosofar maduro era feito a partir do Brasil e da América Latina: os mitos, a religião, a política; sensível ao aspecto noturno, místico, do Ocidente, nosso filósofo foi atraído pelos ritos dionisíacos dos gregos arcaicos, pela “floresta sombria” de Lawrence, pelas máscaras e danças dos candomblés; é um mesmo fio condutor, um elo, que relaciona os três temas: o mito. Contra o Ocidente científico e técnico, na filosofia de Vicente ressoa uma abertura para a natureza tropical: o mar e a terra dos seus **Diálogos**.

(*) Amigo de Ferreira da Silva, Milton Vargas, no artigo publicado no número especial da Revista Convívium, a respeito do nosso filósofo, evidenciou a importância da Revista, lida por Vicente, quando ainda aluno do Colégio São Bento.

A dupla direção da filosofia latino-americana, segundo Marías, faz-se disjuntivamente: ou recusa a circunstância, e tenta alcançar vôo a um plano puramente aperceptivo, não temporal; ou reduz-se à reflexão sobre o continente e sua especificidade. No primeiro caso, alcança-se uma universalidade inumana, abolindo a circunstancialidade do pensar; no segundo, perde-se a universalidade, fazendo “filosofia americana” e não **filosofia**.

“A posição de Ferreira da Silva não se reduz a nenhuma das duas”⁴.

Vicente está vinculado à Europa, enquanto esta oferece modelos de pensamento; mas não repete, mimeticamente tal pensar. Reativa a filosofia européia a partir de sua circunstância:

“Sua circunstância primária era a de São Paulo, a cidade e o Estado, e o Brasil inteiro com sua diversidade, seus conflitos, seu mistério; e o continente sul-americano. Estava nas vizinhanças de uma selva (...) estava rodeado de mitos, vivos, ativos, entrelaçados com a religião cristã, com a política com toda a possível interpretação racional da realização que fosse concreta, e, portanto, verdadeira. (...).

(...) e como a realidade que o inquietava era em boa dose mítica, não é de estranhar que o seu pensamento tivesse uma raiz mitológica, que buscasse um acesso real à mitologia, para fazer com ela razão”⁵.

Paci, num artigo elaborado por ocasião do Congresso Internacional de Filosofia em São Paulo (1954), e comentado por nosso filósofo no seu “Enzo Paci e o Pensamento Sul-Americano”, fez observações semelhantes às de Sciacca e Marías. Paci acentua a tendência à autonomia do pensamento latino-americano, indicando como exemplo desta autonomia a vinculação entre a filosofia do continente e o mundo mítico primitivo indígena e negro.

Recusando-se a admitir que a preocupação com o mito, na América do Sul, reflita uma originalidade radical do pensamento americano; buscando demonstrar a não-ruptura entre a Europa e a América; negando a decadência filosófica européia como uma realidade necessária; atento à reflexão mais importante da Latino-América, de pensadores como Romero — o “(...) Professor de Metafísica e Gnoseologia da Universidade de Buenos Aires e de La Plata e titular de Filosofia do Colégio Libre de Estudios Superiores de Buenos Aires (...)”⁶. — Vicente criticou em Paci a pretendida descoberta de uma orientação nova na filosofia latino-americana. Apoiando-se em Sorokin, expôs a isocronia entre a cultura sul-americana e a européia; acreditava que o estudo do mito, na filosofia americana, mostra antes uma preocupação de acentuar a superioridade cultural do

branco sobre o índio e o negro, que a de buscar a sacralidade imersa nestes fenômenos:

“Assim, parece-me fantasia a declaração de que os pensadores sul-americanos e brasileiros estão dando a devida atenção ao mundo mitológico, a esse ciclo de realidades condicionadoras da História, quando a verdade é bem outra”⁷.

E, em outro texto:

“O sociólogo Sorokin já assinalou a completa isocracia e mesmo isocronia de usos e costumes entre o homem americano e o europeu. Pertencemos a uma só cultura, com pensamentos, desideratos e maneiras de ser uniformes (...) Não possuímos um ser potencial ou subliminal diverso ou exterior à representação Ocidental da vida e pronto a se manifestar assim que superarmos essa alienação. A nossa realidade é uma realidade em comum com as formas e ideais euro-americanos e a nossa tradição é também uma ramificação dessa mesma planta cultural”⁸.

Embora os textos de Sciacca e Marías tenham sido escritos após a morte de Vicente, há expressiva analogia entre Sciacca, Marías e Paci. Neste sentido, podemos aplicar a ambos as críticas de Vicente a Paci.

Sciacca, Marías e Paci têm algo em comum: os três acreditam no despertar de um pensamento filosófico original, em virtude da aplicação do pensamento europeu, de modo criador, aos problemas da América.

Sciacca demonstra esta emergência na filosofia boliviana com Tomayo, teórico da “mística da terra”, que, a partir de teses de Spengler, procura evidenciar a relação entre a terra e o homem, resultando tipos culturais característicos. Nesta direção, refletindo a respeito da filosofia americana e seus temas próprios, podem ser encontrados ainda os filósofos mexicanos Vasconcelos, Caso, Ramos, Zea, Orange e Gaos, que pretendem fundar uma ontologia do homem mexicano. Entre as fontes filosóficas européias desses pensadores é possível destacar Bergson, Ortega, Dilthey, Heidegger.

Marías põe em evidência a relação entre a filosofia e a circunstância sul-americana, no que diz respeito ao próprio Ferreira da Silva⁹.

A crítica de Vicente a Paci e, por analogia, a Sciacca a Marías, não é pertinente. Podemos aceitá-la apenas em parte, no sentido de que afirma proximidade entre o pensamento americano e o europeu. Vicente talvez não tenha conhecido os pensadores citados por Sciacca. Não reconhece, assim, a originalidade da América: mas ele próprio a expressou.

A América é selvagem: selvagem na proximidade da natureza bruta, não dominada pelo homem, que irrompe a espaços entre as cidades, separadas pela montanha ou pela mata. A América é selvagem enquanto marcada pela presença irrecusável, de um “pensamento selvagem”: o do negro e o do índio. Este pensar da América não encontra paralelos imediatos na Europa atual. Somos o Ocidente; mas o Ocidente, em nós, não é o Ocidente claro, lógico, onde o mito aparece domesticado pela poesia. O Ocidente que somos é o Ocidente obscuro, noturno; nele, a poesia é mito — flor agreste, pensamento. A América é o Ocidente; mas o Ocidente já não é a pura Europa. Há uma originalidade americana irreduzível, que é preciso integrar, a fim de, Europa e América, sermos o Ocidente, com suas **mitológicas**.

A América é emotiva-intuitiva na sua dimensão selvagem: a Europa, racional-intuitiva, na sua tradição filosófico-metafísica, transcrita no idealismo contemporâneo. Cabe à Europa recuperar a dimensão emotiva, que se faz anunciar no pensamento americano; cabe à América Latina elevar-se à dimensão racional, incorporando à originalidade de sua experiência vivida no patrimônio do pensamento Ocidental.

A filosofia de Vicente é americana; nela, o Ser é captado na sua dimensão passional: o Ser é Fascinação:

“Mas há mais; procurei dar à experiência do Ser uma tonalidade emocional e pulsional, compreendendo esta experiência como Fascinação”¹⁰.

Em Vicente, o Ser é selvagem; é captado de modo emotivo-intuitivo. Retomar esta experiência ao nível racional-intuitivo, foi a tarefa filosófica de sua vida. A filosofia européia representa, para Vicente, a própria possibilidade de tematizar a experiência originária de sua circunstância, sua vida na América. Daí a vinculação absoluta que procura expor e a qual se aferra, entre o seu pensamento, o pensamento brasileiro e americano e aquela filosofia. Por outro lado, nossa experiência vital encontra ressonâncias na Europa primordial, mítica, dos Mistérios: Europa, mãe arcaica, que, ao tematizar-nos, podemos contemplar.

A América Latina é experimentada por nós como uma unidade; é a doce América, A Latino-América. É uma unidade, na sua poesia e nos seus cantos. É um mito para nós mesmos. De onde vem esta dimensão poética e mítica da América, esta unidade para além das fronteiras nacionais, que estremece em nós ao apelo da terra, senão de uma experiência originária de nossa circunstância, exposta nessa emoção e nessa poesia ?

Esta dimensão não foi claramente abordada na filosofia de Vicente. Que ela existiu, que foi subjacente à sua reflexão filosófica, testemunhos verbais de amigos (Kujawski), de Dora (sua esposa) e Diva (sua cunhada), puderam confirmar: pouco tempo antes de seu desaparecimento, Vicente falava a respeito do carnaval: era preciso refletir, captar a sua significação profunda. Que esta significação revela o aspecto mítico e sagrado da festa, o estudo do antropólogo Roberto da Matta, "O Carnaval como Rito de Passagem"¹¹, o evidencia.

Há uma atenção do pensamento latino-americano quanto ao mito: a "mística da terra", mesmo quando marcada pela conotação política, expõe esta direção. O próprio Vicente, ao filosofar sobre o mito, embora não se detenha no mito latino-americano como tal, aponta e abre caminhos novos, que possibilitam melhor aproximação à América.

Não se trata, nesta reflexão, de buscar a vivência da América ou mito americano, como expressões absolutamente outras em relação à Europa. Ao contrário: é uma busca que deve revelar, na experiência originária da circunstância americana, aquilo que esta experiência pode oferecer de universal. A América desperta como consciência e isto quer dizer — aprende a conhecer a si mesma, não na superfície de sua especificidade, mas na radicalidade humana de sua experiência.

NOTAS

(1) Michele Federico Sciacca, *La Filosofia*, Hoy, vol. II, Madrid, Escelicer, 1973, pp. 457 — 481.

(2) Vicente Ferreira da Silva, *Obras Completas*, vol. II, São Paulo, IBF/EDUSP, 1966, pág. 256. E ainda: "No Brasil, como no resto da América do Sul, a civilização européia levou de vencida o elemento indígena e depois o elemento negro, aniquilando os seus valores e a sua percepção interna da existência, arrastando-as para as finalidades do processo cultural lusitano. O Brasil ainda é, e sempre será (...) um prolongamento cultural da Europa" (id., ibid., pág. 340).

(3) Michele Federico Sciacca, *op. cit.*, págs. 469 e 470.

(4) Julián Marías, *art. cit.*, pág. 185.

(5) Id., *ibid.*, pág. 187.

(6) Vicente Ferreira da Silva, "A Filosofia de Francisco Romero", in *Obras Completas*, vol. I, São Paulo IBF/EDUSP, 1966, pág. 97.

(7) id., *Obras Completas*, vol. II, São Paulo, IBF/EDUSP, 1966, pág. 341.

(8) id. *ibid.*, pág. 256.

(9) cf. *cit.* (5).

(10) Id., *ibid.*, pág. 341.

(11) Roberto da Matta, *Ensaio de Antropologia Estrutural*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1978, págs. 121 a 168.